

NOVA ANDRADINA: A NOVA PRAÇA BRASIL, ENTRE HISTÓRIA (INDÍGENA) E MEMÓRIA DO LUGAR (2013-2025)¹

BELMIRO CRISPIM²
EDUARDO MARTINS³

Resumo

O presente artigo apresentado em nível de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo central estudar de modo sintético a importância da história local da (re)forma da Praça Brasil de Nova Andradina-MS além de alguns argumentos e motivações políticas para a transformação desta. Além disso, objetiva analisar alguns monumentos históricos no local inseridos na (re)forma dessa nova estrutura que homenageia sua memória, bens materiais, bens imateriais e bens culturais. Particularmente, foca-se o povo indígena Ofaié, ocupantes pioneiros e trabalhadores dessas terras do vale do Ivinhema, atualmente o município de Nova Andradina.

Palavras-chave: Praça Brasil; povo indígena Ofaié; História local; História Indígena; Nova Andradina.

Abstract

This article, presented as a Final Course Project (TCC), aims to synthetically study the importance of the local history of the (re)formation of Praça Brasil in Nova Andradina-MS, as well as some arguments and political motivations for its transformation. Furthermore, it aims to analyze some historical monuments in the area incorporated into the (re)formation of this new structure that honors their memory, material assets, immaterial assets, and cultural assets. In particular, it focuses on the Ofaié indigenous people, pioneer occupants and workers of these lands Vale do Ivinhema, currently the municipality of Nova Andradina.

Keywords: Praça Brasil; Ofaié indigenous people; Local history; Indigenous history; Nova Andradina.

A presente pesquisa de estudo acadêmico-científico analisa algumas motivações que levaram as autoridades do município de Nova Andradina-MS, sob a gerência do ex-prefeito da época Roberto Hashioka (PSDB), 2013, a iniciar a

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na modalidade artigo, apresentado ao curso de História da UFMS, campus de Nova Andradina, enquanto requisito parcial de avaliação para a provação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

² Acadêmico do curso de História, da UFMS, campus de Nova Andradina, CPNA.

³ Professor Doutor, Associado I, do curso de História da UFMS, campus de Nova Andradina.

(re)forma da Praça Brasil, no ano de 2013, construção concluída na gestão do então prefeito Gilberto Garcia (PL) político sucessor que finalizou e entregou a obra à população, no ano de 2018.

Desta feita, buscamos problematizar alguns aspectos acerca desse novo projeto arquitetônico. Destacando que o mesmo labor buscou (re)construir a praça. Sendo esta um patrimônio municipal e, portanto, relacionada ao marco histórico da cidade e a sua noção de identidade e memória social. A construção de um monumento colossal em formato de arco e flecha homenageando os pioneiros indígenas dessas terras vem ao encontro de uma nova narrativa que busca compreender, inserir e dar os devidos protagonismos aos primeiros habitantes e trabalhadores dessas terras, o povo indígena Ofaié.

Segundo os Relatórios do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e a localização do Posto Indígena Laranjalzinho, atualmente terras arrendadas para Companhia Energética Santa Helena, e bairro Laranjalzinho, moravam, neste Posto Indígena, cerca de oitenta e duas pessoas Ofaié, no ano de 1913. Além de outros grupos aqui por perto o que perfaziam um número de 105 Ofaié. É digno de nota para este estudo que, na listagem dos Ofaié, consta uma pessoa de nome Antonio Nantes, revelando íntima relação dos Ofaié com os não indígenas que estavam chegando para colonizar essas terras. No caso do Antonio Nantes, é conhecida a história dessa família, sua chegada e instalação no bairro Laranjalzinho, antiga habitação dos Ofaié (Nantes, 2007; Silva, 2011).

Aqui fazemos uso deliberado da palavra “pioneiro” para nos referirmos aos primeiros moradores dessas terras: o povo indígena Ofaié, com relatos da sua presença nesse lugar, Vale do Ivinhema, desde o século XVIII e já no século XX, devidamente localizados e relacionados nos estudos do etnólogo alemão Curt Nimuendajú, bem como nos trabalhos do também etnólogo e Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, nos Relatórios do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), na presença do casal Ribeiro, Darcy e Berta, no ano de 1948. Aproveitamos o ensejo para dar visibilidade ao mestre e indigenista Carlos Alberto dos Santos Dutra, além de pessoa humana incrível, amigo e “padrinho” do povo Ofaié, é, ainda, a maior referência teórica no assunto povo Ofaié. Suas duas obras “O Território Ofaié: pelos caminhos da história” (2011), UFMS, e “Ofaié: Morte e vida de um povo” (2012), Edição do autor, são as duas obras basilares e incontornáveis para os estudos acerca da temática e conhecimento da história do povo indígena Ofaié.

Assim, este trabalho de pesquisa busca registrar o processo de transformação urbanística efetivada na Praça Brasil, durante os anos 2013 e concluído no ano de 2018. A finalidade aqui é ter um registro científico da ação a qual sofreu este espaço urbano e perceber, para fins deste estudo, que, ele não possui intrinsecamente um valor financeiro, mas sim valor cultural material e valor imaterial.

Desta feita, a pesquisa levanta alguns apontamentos, por exemplo, para que serve uma praça? O que foi reconfigurado? Essas são algumas das questões a serem problematizadas ao longo do presente estudo, sendo elas abordadas ao longo do artigo científico.

Além disso, as memórias e as homenagens existem desde a fundação da praça no município e os monumentos construídos que passam a ser um patrimônio histórico e cultural. Ainda vamos conhecer sobre a sociedade indígena que existiu em Nova Andradina, e monumentos construídos em memória do povo Ofaié que habitavam o local, bem como a estrutura monumental construída em homenagem à ave Tuiuiú, a mudança do chafariz que era no centro da praça e foi reconstruída, remodelada e feita uma junção com a restauração da imagem do busto do fundador da cidade.

O objeto central de estudo desta pesquisa considera a relevância das construções dos quiosques: os modelos dos bancos da praça e a iluminação foram projetados às instalações para que ficassem bem iluminados e transmitissem uma noção de segurança à população. Para que possa ter maior entendimento de como é importante a história local, é necessário compreendermos para respeitar cultura material e cultural imaterial, e a obter a conscientização do zelo pela conservação dos patrimônios públicos que formam parte da história local.

Segundo expõe a fala do ex-prefeito Gilberto Garcia, representante da elite política local e, portanto, uma fala parcial acerca do objeto:

Além de representar mais um espaço de cultura e entretenimento para a população em geral, a nova Praça Brasil será um ponto de encontro das nossas famílias e vai proporcionar melhor qualidade de vida. Assumimos um projeto que iniciaram lá em setembro de 2013, com a remoção da antiga estrutura, até então, vimos o mesmo se arrastando por 3 anos sem ser concluída sequer um terço da sua execução. Mas, com muito trabalho, disciplina e bênçãos de Deus, vamos entregar esta bela arquitetura em 20 de dezembro, nas comemorações dos 60 anos de emancipação (Cogecom, 2019).

Revelando que as obras deram início no ano de 2013, cabendo ressaltar que a fala do então prefeito cumpriu em parte a entrega da obra, pois, como vimos na citação anterior, o projeto ainda não estava completamente concluído.

É digno de nota para este estudo que, naquela data do dia 20 de dezembro do ano de 2018, estiveram presentes o professor Doutor Eduardo Martins, professor do curso de História da Universidade Federal de Mato do Sul (UFMS), campus de Nova Andradina e as lideranças indígenas Ofaié, os professores Silvano de Moraes de Souza (Hâgu-Tahâk) e o então cacique José de Souza (Kói).

FIGURA 1 – Card de José de Souza Kói, para o “jogo da memória dos povos indígenas”.



Fonte: Martins (2025).

FIGURA 2 – O professor e liderança jovem Silvano de Moraes de Souza em uma postura impávida e orgulhosa de pessoa indígena Ofaié.



Fonte: Facebook (2025).

Sob a seguinte matéria elaborada, a notícia foi divulgada no sítio da prefeitura:

“APÓS ANOS DE ESPERA, PRAÇA BRASIL SERÁ REINAUGURADA”.

No dia em que comemora 60 anos de instalação, Nova Andradina ganha um dos cartões postais mais belos da cidade (Cogecom) – na data de 29/04/2019 às 08:56. • Atualizada em 18/11/2020 às 10:36”⁴

A seguinte imagem estampa a matéria:

Figura 3 – Praça Brasil sendo re(construída).



Fonte: focco vídeo (2025).

A imagem acima divulgada na matéria em questão mostra o projeto arquitetônico ainda em desenvolvimento. Com a construção central dos arcos em formato das asas de uma ave Tuiuiú e ao fundo o arco e flecha Ofaié.

Consta, ainda, o seguinte texto na matéria de prefeitura acima citada.

O novo projeto custou cerca de R\$ 2,9 milhões. O espaço de lazer, recreação, cultural e entretenimento para as famílias conta com monumentos históricos em homenagem ao Pantanal, Índios Ofaiés, estados da federação e ao fundador do município Antonio Joaquim de Moura Andrade. Também fazem parte da praça seis quiosques, fonte luminosa, sanitários, iluminação pública, bancos, drenagem, revestimentos, jardinagem e paisagismo, rede hidráulica, calçamento e estacionamento para veículos (Cogecom, 2019).

Ainda que:

Os recursos para a revitalização foram viabilizados junto ao Governo do Estado, somados à emenda parlamentar individual do deputado federal Geraldo Resende por meio de Ministério do Turismo, além da contrapartida do Governo Municipal de Nova Andradina (Cogecom, 2019).

⁴

Disponível em:
<https://www.pmna.ms.gov.br/noticias/infraestrutura/apos-anos-de-espera-praca-brasil-sera-reinaugurada. Acesso em 10 fev, 2025.>

Outrossim, diz a notícia no site do “jornal da Nova” publicado na data de 19/12/2023.

O prefeito Roberto Hashioka também ressaltou o apoio do deputado federal Geraldo Resende e destacou a iniciativa. “Vamos aproveitar as árvores que se encaixam dentro do projeto e construirmos a nova Praça Brasil, homenageando o fundador Antonio Joaquim de Moura Andrade, o Pantanal sul-mato-grossense e os índios Ofaiés, que foram os primeiros habitantes dessa região”, comentou.

E que,

De acordo com a Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos, a revitalização será feita em uma área de 9.800 metros quadrados (m^2) e em duas etapas. A primeira será realizada através de emenda parlamentar do deputado Geraldo Resende junto ao Ministério do Turismo, para a realização da terraplanagem, calçamento, estacionamento externo, monumentos, instalação elétrica e de bancos.

O valor para o município e a importância de uma praça bem cuidada, principalmente no centro da cidade como a de Nova Andradina, que tem a imagem, as memórias e a preservação dos monumentos que são históricos e culturais tornam-se uma representação da cidade.

A Praça Brasil é um lugar com significados e significações históricas, sendo um de seus “cartões postais”. Estrategicamente, foi instalado no marco zero da cidade, ao lado do obelisco, antigo relógio de sol, área central e nobre, leia-se: na parte mais alta da cidade, onde o metro quadrado de construção sempre é o mais caro; ao lado da Igreja Católica e da Paróquia Santuário Imaculado Coração de Maria.

Desta feita, o lugar e o nosso objeto de estudo, Praça Brasil, referem-se a um espaço urbano voltado à identificação da história, sendo assim, podendo ser utilizado enquanto mecanismo de atração para acolher turismo e direcionado a passar bons momentos de lazer, de se socializar interpessoalmente e integrar a sociedade nova-andradinense e a todos que estiverem de passagem ou vierem visitar o município. Sobretudo pelo potencial estratégico de sua localização ao lado do Santuário Católico Apostólico Romano “Imaculada Conceição”, lugar de peregrinação cristão e das suntuosas missas dominicais, onde as elites passam e cruzam as asas do tuiuiú ou debaixo do arco e flecha Ofaié, fazendo lembrar tanto a fauna “matogrossulíndia”⁵ da cidade sorriso, quanto a sua ancestralidade indígena

⁵ Palavra cunhada pelo professor doutor Eduardo Martins, em referência ao gentílico pátrio de quem nasce no Estado de Mato Grosso do Sul. O vocábulo mantém íntima relação e sintonia com a história folk desse Estado indígena e pantaneiro e, sobretudo, lugar fronteiriço: margeado pelos caudalosos rios e suas águas ancestrais, os rios Paraná e Paraguai, este último dividindo as terras de Mato

Ofaié. Para tanto, existe uma Placa explicativa sobre aquele monumento e um pouco da história do povo Ofaié e seu sentimento de pertencimento no lugar.

FIGURA 4 – Placa Ofaié, junto ao monumento arco e flecha na Praça Brasil, de autoria do professor doutor Eduardo Martins.



Fonte: Martins (2025).

Texto da Placa, gentilmente cedido pelo professor doutor e pesquisador da temática indígena Ofaié, Eduardo Martins:

MONUMENTO INDÍGENA AO POVO OFAIÉ⁶

Homenagem aos primeiros habitantes das terras do Vale do Ivinhema. O Arco e a Flecha remetem aos seus hábitos de caça e coleta. Os 4 volumes do pilar central simbolizam os elementos da

Grosso do Sul com as dos seus vizinhos e Hermanos, Paraguai e Bolívia. Em virtude da sua historicidade ancestral de ocupação dos povos indígenas, desde tempos imemoriais, pelos menos há 8 mil anos, segundo dados arqueológicos (Martins, 2002; Bittencourt, 2000; Neves, 2022; Eremites, 1996; Costa, 1999; Da Silva, 2011). Desta feita, consideramos que o léxico matogrossulíndio, além de mais charmoso do que o nome técnico “sul-mato-grossense”, traduz bem melhor e com mais amplitude a força do povo e da natureza em simbiose desse neófito Estado da federação brasileira, 1977. Por outro lado, carrega um sentido político remetendo-se à história e memória das onze (11) etnias indígenas hoje habitantes e com sentimento de pertencimento ancestral ao Estado de Mato Grosso do Sul, sendo elas Ofaié, Guató, Kinikinau, Atikun, Guarani, Kaiowá, Terena, Camba, Kadiwéu, Chamacoco e Ayoreo.

⁶ De modo a coadunar com a estrutura da placa e, ainda, aliar-se às normativas textuais existentes para trabalhos acadêmicos (recurso), decidimos ampliar o tamanho das fontes neste caso específico.

natureza: fogo, terra, água e ar. A cor amarela representa o mel escorrendo.

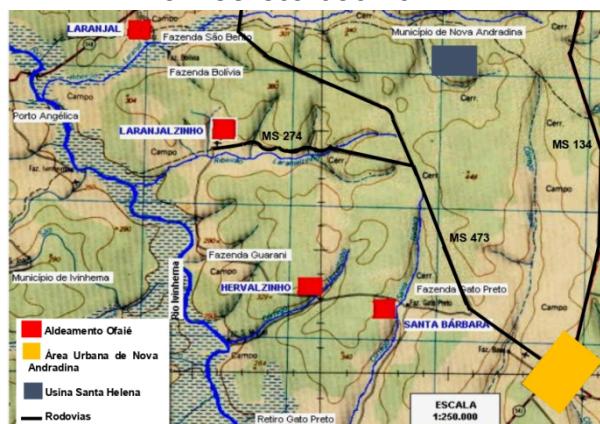
Esta placa histórica é uma justa homenagem ao povo indígena Ofaié, denominado Povo do Mel, que habitou o vasto território às margens do rio Paraná do lado de Mato Grosso do Sul, Vale do Ivinhema. Viviam caçando nas matas, até então exuberantes, pescando e tendo os córregos Laranjal, Samambaia, Baile e rios Ivinhema e Paraná como fonte de alimentação e moradia, com fortes laços ali estabelecidos com a natureza e o seu bioma. Essas hidrovias de acesso estabeleciais os limites das fronteiras demarcadas, reconhecidas e soberanas. Os rios e córregos eram tanto a fonte de vida como a força que determinava a rotina e o curso da economia da comunidade Ofaié. Lá, eles plantavam pequenas roças de mandioca e eram confeccionadores da agricultura de subsistência comunal e do método da coivara. Além disso, construíam e manejavam muito bem as canoas, manualmente feitas com a madeira da peroba inteiriça, medindo nove metros de comprimento e quase um metro de largura. Moravam em cabanas com uma cova forrada de capim seco onde dormiam. É costume da etnia Ofaié perfurar o lábio inferior e as orelhas. Faziam os mais belos arcos e flechas confeccionados a partir da madeira de cabriúna ou pau-roxo, sendo sua corda feita com fibra de bocaiuva ou caraguatá e realizado pelas mulheres e tendo as flechas de caça medindo cerca de 1,60m, com sua haste feita de taquari e as pontas tendo por volta de sessenta farpas. Às mulheres Ofaié também cabia o trabalho de fabricar os cestos e demais utensílios domésticos, bem como o preparo da caça que lhes era entregue, debulhar milho e socar seus grãos em grandes cochos, para fazer a bebida fermentada cauim; ainda era da alcada das mulheres o planejamento do canto e a dança Ofaié (DUTRA, 2011).

Nos anos de 1912 até 1924, viveram no “Posto Laranjalzinho”, construído pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com uma população de 105 indivíduos, estabelecido na antiga fazenda Chavante, depois usina Chavante, atualmente Usina Santa Helena, aproximadamente vinte quilômetros do bairro Laranjal, de Nova Andradina. Essa localização sugere que os primeiros moradores do bairro Laranjal fossem os Ofaié e que este bairro teria sido uma extensão dessa moradia da comunidade, habitando e ocupando essas terras muito antes da chegada dos colonizadores, fazendeiros. O legado Ofaié foi deixado na memória coletiva: em topônimos como time de futebol “Xavante”; na ponte do Ribeirão “Combate”, a leste do ribeirão Samambaia; em construções de pontes; em boas estradas de rodagens, bem como um amplo e vasto (re)conhecimento do território; no processo domesticação do gado que vivia solto e, também, na construção de aterros no rio Paraná e seus afluentes para os vapores (antiga embarcação) poderem atracar sem dificuldades em tempo de enchentes. Destaca-se, pois, que o termo Xavante ou Chavante era a denominação errônea a que os Ofaié eram chamados. Assim, no ano de 1924, as terras onde viviam foram reconhecidas, demarcadas (pelo Marechal Rondon, no ano de 1900) e doadas a eles pelo Decreto nº 683, de 20 de novembro de 1924, assinado pelo vice-governador do Estado de Mato Grosso Dr. Estevão Alves Correa, reservando 3.600 hectares para os Ofaié, onde hoje se encontra o município de Nova Andradina. Em 1948, um

grupo de dez pessoas Ofaié, composto por duas famílias, recebeu e acolheu o casal de antropólogos Darcy Ribeiro e sua esposa Berta Ribeiro, junto às barrancas do Ribeirão Samambaia. Durante sua estada de quatro semanas, o antropólogo ouviu e registrou o que disse ser uma das coisas mais lindas já vistas: uma coleção de doze mitos contados a ele e a sua esposa. (Martins, 2022).

Atualmente, o povo Ofaié vive na Reserva Indígena Anodi, município de Brasilândia, MS. Lá, possuem um território de dois mil hectares identificados como Terra Indígena e em processo de demarcação pela Funai. Eles contam com uma comunidade de vinte e sete famílias e que totaliza noventa e nove pessoas. Entre os desafios encontrados por eles está a revitalização da língua materna falada por quatro pessoas e transmitida às crianças Ofaié na escola Indígena E-Iniecheki que funciona na aldeia. Contudo, é no artesanato que a comunidade Ofaié tem manifestado sua força e autoafirmação, bem como forma de resistência e persistência ao tempo, além de reconhecimento ao pertencimento do lado leste do Mato Grosso do Sul, perante a sociedade que a entorna, apresentando uma encantadora e vigorosa expressão artística de beleza singular.

Representação dos aldeamentos indígenas Ofaié segundo o Decreto 683/1924



Fonte: (Dutra, 2011, p. 253).

Adaptado por: (Martins; Santana, 2024).

Professor Doutor Eduardo Martins, docente adjunto 4, curso de História- UFMS, campus de Nova Andradina (2024).

Sobretudo, a Praça Brasil tem cumprindo uma função educativa e educadora, dado que, empiricamente, o pesquisador é um dos moradores antigos deste município, e transeunte contumaz, além de frequentador das ruas no seu cotidiano habitual. Notamos que as escolas municipais têm levado seus estudantes para visitações técnico-científicas com a finalidade de estudo da história e da memória social, por meios dos elementos constitutivos dessa nova modelagem em que ficou a Praça Brasil. Desta feita, podemos afirmar que o projeto urbanístico-arquitetônico

contempla largamente a função socioeducacional, assim como pedagógica, em que, na idade tenra, fases da educação infantil e fundamental I e II, a nova geração de nova-andradinenses são contemplados pela disciplina de “museologia” a céu aberto e, dessa maneira, fazem as devidas relações da vida cotidiana com o saber científico escolar sobre história social e geografia do seu município, aprendendo o valor do patrimônio histórico, representados e simbolizados nos monumentos ali instalados. Portanto, consideramos que o lugar (re)formado cumpre, também, uma função privilegiada de educação escolar formal para fins à Secretaria de Educação. Desde já problematizamos que a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura (SEMEC) possa refletir acerca de um projeto que consta no seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a disciplina de museologia da Praça Brasil, com recursos próprios para este fim e com objetivos bem claros e definidos sobre suas finalidades, que considere a história local por meio da sua memória arquitetônica.

De acordo com as contribuições da professora e pesquisadora Daiane Nascimento Roberto Dias (2024, p. 101), estudiosa da educação municipal nova-andradinense, em sua dissertação de mestrado intitulada “Estudantes indígenas em escolas urbanas no município de Nova Andradina/MS e o desafio da educação intercultural crítica”, bem significativas para fins do presente estudo acerca de memória social e história local:

O PPP é essencial porque estabelece a identidade da escola, definindo suas diretrizes, metas e estratégias pedagógicas. Segundo Veiga (2003), é um instrumento de planejamento participativo que busca a articulação entre os diversos segmentos da comunidade escolar, promovendo a integração e a coesão. Ele é um documento dinâmico, que deve ser constantemente revisitado e atualizado para refletir as mudanças e necessidades da comunidade escolar.

Destarte, cabe aqui a reflexão teórica proposta pela mulher pesquisadora e cientista Marieta Pesavento (2005, p. 42), para quem:

A Praça não é apenas um espaço livre urbano onde a população possa apreciar a paisagem, a praça tem como conceito de expressar a história de uma sociedade sua cultura material e imaterial formando um conjunto de monumentos e símbolos e memória e homenagem que é o passado de uma sociedade que se iniciou naquele local, sendo criada através de luta, dedicação, persistência para o desenvolvimento e progresso da cidade e com todos esses empenhos dos envolvimentos políticos e sociais com a união das diversidades culturais se criam e forma um marco histórico que é representado na praça à cultura material e a cultura imaterial para

exaltar a memória da cidade com símbolos e monumentos. Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.

A pesquisadora acima enfatiza que a praça não é apenas um espaço urbano, mas um símbolo que expressa a história, a cultura e a memória de uma sociedade, refletindo suas lutas e diversidades. A análise sugere que a praça serve como um marco histórico que integra cultura material e imaterial, exaltando a memória da cidade.

É novamente Dias (2024, p. 101), citando o patrono da educação brasileira Paulo Freire, que diz:

A proposta de Freire (1996), elucidada anteriormente, defende que a educação deve ser um processo emancipatório, que promova a conscientização dos indivíduos sobre sua realidade e os capacite a transformá-la. Nesse sentido, o PPP deve promover práticas educativas que incentivem a participação ativa dos estudantes, o pensamento crítico e a valorização das experiências culturais e sociais de cada um.

Por seu turno, remetemo-nos ao conceito de 'lugar' e às contribuições de geógrafos contemporâneos, como Yves Lacoste e Milton Santos (1997). Esses pesquisadores postulam que a identidade de um local é moldada não apenas por suas características internas, mas também por redes distantes de relacionamentos e influências externas. Essa perspectiva amplia a compreensão do 'lugar' como um espaço interligado e multifacetado.

Desta feita, cabem algumas breves reflexões geo-históricas desse conceito plural proposto pelo geógrafo Milton Santos (1997, p. 31):

O conceito de 'lugar' vai além do espaço físico, incorporando as interações sociais, culturais e econômicas que influenciam a identidade local. [...] As relações externas, como fluxos migratórios e conexões comerciais, desempenham um papel crucial na formação da cultura e da sociedade de um 'lugar'. [...] Essa abordagem permite uma compreensão mais complexa e dinâmica do 'lugar', reconhecendo-o como um espaço em constante transformação devido a influências internas e externas.

Ou ainda, a noção de lugar na reflexão do teórico José D'Assunção Barros (2022) que discute a importância da análise do local e do tempo na contextualização histórica. Ele enfatiza que a história deve considerar as particularidades regionais e

as influências políticas e econômicas para uma compreensão mais rica e precisa dos fenômenos históricos.

Destarte, o estudo que ora se apresenta em nível de pesquisa acadêmico-científico cumpre, assim, delinear um registro de um dos marcos históricos da vida sociocultural nova-andradinense, redirecionado e redimensionando valores culturais materiais, assim como da cultura imaterial que são agentes agregadores da função social que detém uma praça urbana, mantida assim como um dos patrimônios públicos do lugar.

Assim, dá-se a devida ênfase na conscientização da preservação dos monumentos, símbolos e imagens, para se efetivar o necessário respeito que a memória local exige.

O município, lugar que abriga a Praça Brasil de Nova Andradina-MS, informa-nos os seguintes dados estimativos acerca da sua geolocalização, segundo o IBGE 2025: uma população de 50.848 habitantes. Além disso, o quanto uma praça representa para uma cidade como Nova Andradina em termos de ser um dos cartões postais: é um lugar de lazer, de interagir interpessoal e coletivamente e de apreciar no local os monumentos que transmitem um passado em seu patrimônio, na imagem e na memória de luta e esforço da memória coletiva e da sua história.

Diz D'Assunção Barros que:

Formação de Identidades: A política e a economia moldam as identidades locais, influenciando como as comunidades se organizam e se percebem dentro do contexto nacional. [...] Dinâmicas de Poder: As relações de poder e as estruturas econômicas locais afetam diretamente as práticas sociais e culturais, refletindo as lutas de classes e as interações entre diferentes grupos sociais. [...] Contextualização Histórica: A análise da história local em relação a fatores políticos e econômicos permite uma compreensão mais profunda das transformações sociais e das respostas das comunidades a mudanças externas, como políticas governamentais e crises econômicas (Barros, 2022, p.5).

A Praça Brasil, de Nova Andradina-MS, está localizada no centro comercial do município. Durante muitos anos, foi um retrato bem visto desta pequena e pacata urbe no interior do Estado de Mato Grosso do Sul, a duzentos quilômetros da capital, Campo Grande. Tida, vista e frequentada como um “cartão postal” dela. Desta feita e pela sua localização privilegiada, pessoas moradoras mais antigas deste município tiveram sua primeira experiência em ter contato com a tecnologia, a televisão e o privilégio de prestigiar shows ao vivo. E de degustarem e saborearem o seu primeiro lanche e ter seu primeiro e único chafariz.

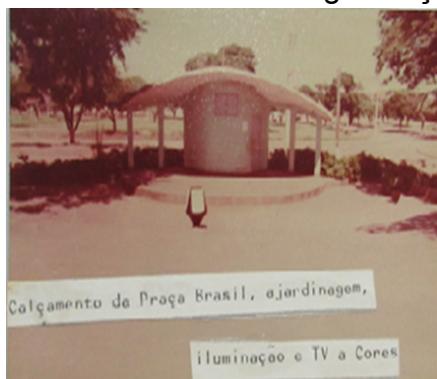
FIGURA 5- Foto de Sebastião Crispim, ano 1982.



Fonte: O autor (2025).

Um resgate da história na foto anterior, tirada em 1982, foi de um show que ocorria na Praça Brasil, na famosa concha acústica onde se reuniam centenas ou milhares de pessoas para assistir às apresentações que ocorriam nos finais de semana enquanto forma de entretenimento da população.

FIGURA 6 – Televisão na antiga Praça Brasil.



Fonte: Museu municipal de Nova Andradina (2025).

Em tempos recentes, e com o avanço das novas tecnologias, entre outros fatores contribuíram para que a praça Brasil deixasse de ser um lugar atrativo e frequentado pela população e se tornasse um lugar um tanto esquecido por parte da população nova-andradinense.

Tornando-se um lugar de abandono por parte das gestões públicas, a Praça Brasil passou a ser frequentada por moradores em situação de rua que passaram a ter naquele lugar alguma condição mínima de sobrevivência frente ao descaso das assistências sociais e humanas ofertadas pelo município ou pela ausência ou carência de políticas públicas que enfrentassem essa situação de forma digna. Então, aquele lugar público passou a ser a “oferta” que se tinha para se abrigarem da chuva, frio, sol, passando a noite embaixo da concha acústica, como era

chamada por alguns, e era utilizada para realizar shows e programas de televisão para população. O chafariz foi desativado, tornando-se varal de roupas pelos novos frequentadores/moradores daquele lugar.

Destarte, tal situação, não obstante, revela um tipo de modelo de abandono de alguns lugares com o objetivo da sua precarização, visando causar a comoção pública para que ele seja destruído, remodelado, vigiado, policiado, enfim, parece uma estratégica política de depreciação do lugar para justificar os gastos e investimentos de verbas públicas naquilo que o capitalismo neoliberal considera ser uma “revitalização”.

Nesse ínterim, cabe então, revelar um episódio de extremada violência ocorrida na Praça Brasil, tendo o seu ponto culminante esse tipo de política social do medo. Ocorreu uma tragédia cercada de mistério que gerou, na população de Nova Andradina, o medo de transitar na praça Brasil. Infelizmente, após um espancamento brutal no banheiro público da Praça Brasil, já desativado, veio a óbito Waldir Pereira, de 34 anos. Ninguém foi preso e a polícia ainda investiga o caso, segundo matéria do jornal “Perfil News”, de Três Lagoas (Perfil News, 2011). Diante desse cenário, as políticas públicas de cunho neoliberal optaram pelo viés da arquitetura do tipo hostil.

Diante do acima exposto e considerando nossas reflexões acerca da política do abandono dos locais, coube à Secretaria de Cidadania e Assistência Social, junto com outras entidades também participando do processo, o oferecimento de apoio e de soluções para os indivíduos afetados. Além disso, a demolição do espaço que abrigava os moradores foi realizada pela equipe da Secretaria de Infraestrutura de Serviços Públicos.

Uma das estratégias políticas esteve ancorada na noção de prevenção e de vigilância, mencionada pelo ex-prefeito Roberto Hashioka, objetivando o monitoramento das pessoas que poderiam vir a ser potencialmente ocupantes daquele novo lugar “do prefeito”, na tentativa de se evitar que as pessoas em situação de vulnerabilidade voltassem a ocupar aquele espaço higienizado, limpo e “novo”. A estratégia política buscava garantir a atenção do poder público e a implementação de ações imediatas para tanto a nova praça se dispor contra pessoas que ali viviam, quanto para transmitir uma certa noção de proteção a uma parcela da comunidade que viria a frequentar aquele espaço público.

Segundo o ex-prefeito Roberto Hashioka, o objetivo da nova Praça Brasil, era o de se criar um espaço público modernizado e inovador que atendesse às necessidades da população e se tornasse um dos principais cartões postais de Mato Grosso do Sul, semelhante às principais praças nacionais. Além disso, ela seria um local para eventos comunitários, promovendo a interação social. Pelo menos, aos olhos da mídia e da imprensa hegemônica que, via de regra, apoia as gestões em nome das verbas de propagandas angariadas por essas mídias conservadoras.

Sandro Correia Rocha, define o patrimônio cultural como sendo um bem de interesse coletivo, pertencente à cultura, à identidade, à memória, ao gênero, integrando-se assim como um bem ambiental de determinado lugar. Assim, a Constituição Federal de 1988 (CF/88) dispõe o seguinte, onde consta artigo 216 em que foi colocado o termo referente ao Patrimônio Histórico e sua definição: “os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade” (Rocha, 2015).

O autor do projeto e da execução da obra da Nova Praça Brasil, o arquiteto e engenho civil Eduardo Faust, por meio de sua empresa “Projetos FAUST arquitetura & engenharia, Projeto Estrutural Eng Conrado Faust”, diz:

Quando concebi a praça Brasil vi a necessidade de projetar: quiosques; espaço para shows e feiras; pequenos setores de estar; monumentos que contam a história do município. Com tudo isso meu único objetivo era que ela ganhasse vida, que a população tomasse posse do seu patrimônio, em contraste a situação da época. E que isso fosse feito de forma bela, unindo lazer e cultura (Faust, s/d).

Diz, ainda, que:

Após anos de obras ela ficou pronta, e foi emocionante sentar num de seus bancos e admirar a praça viva: crianças jogando bola, andando de bicicleta, jovens e adolescentes confraternizando, famílias formando pequenas “salas de estar” em seus espaços. Traços na página em branco conceberam algo que estava construído somente em minha mente. A cidade deu materialidade a estes traços, e hoje aquilo que constava somente em meus sonhos pertence a toda comunidade de Nova Andradina. Obrigado Nova Andradina. Arq Eduardo Faust (Faust, s/d).

Por fim, cabendo ainda registrar um pouco da concepção artístico-arquitetônico do projeto da praça.

FIGURA 7 – Ave Tuiuiú, símbolo de Mato Grosso do Sul e a maquete da nave central da nova Praça Brasil.



Fonte: Faust (2014).

FIGURA 8 – Monumento Arco e Flecha Ofaié – O Povo do mel.



Fonte: Faust (2014).

Nas palavras do arquiteto Eduardo Faust (2013),

O monumento ao povo Ofayé parte de um pórtico (arco abatido) com um pilar central, seu desenho nos remete aos costumes de coleta e caça deste povo simbolizados pelo o arco e pela flecha. Para simbolizar a linha do tempo da ocupação humana coloquei em linha os 3 monumentos: o monumento Povo Ofayé (primeiros habitantes), o monumento Brasil (fundação da cidade) e a já existente obelisco da rotatória que marca centro da cidade moderna.

Para Faust: “O obelisco faz fundo ao monumento Brasil, sua composição faz menção a bandeira Brasileira, um espelho d’água ao centro é limitado por 27 totens que simbolizam os 26 estados e o distrito federal” (Faust, 2013).

FIGURA 9 – Maquete do novo e do antigo chafariz.



Fonte: Faust (2024).

Diz Faust (2013) que “O busto antigo de Antônio Joaquim de Moura Andrade, foi relocado para o centro do espelho d’água.” E que “Outro conceito básico para o uso e manutenção da praça foi a criação de seis quiosques e banheiros públicos, estruturando o espaço a vida urbana foi intensificada”.

Alguns números sobre a obra: 2960,00 m² de área gramada, 3592,00 m² de passeios e áreas de lazer de blocos de concreto e cimento aplinado, 1570,00 m² do pavilhão central de blocos de concreto. Três edificações que somam 260,00 m², nelas estão abrigados seis quiosques e dois sanitários públicos.

Vagas ao longo das extremidades da praça, sendo uma destinada para ônibus de turismo somam 900,00 m². Segundo a página do site do arquiteto.

Sandra Jatah Pesavento, destaca que a proposta da História Cultural é decifrar a realidade do passado através de suas representações, buscando entender como os indivíduos expressam suas identidades e percepções do mundo.

Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (Pesavento, 2005, p. 42).

Essa abordagem enfatiza a importância das formas discursivas e imagéticas na construção do conhecimento histórico. Assim, a História Cultural se concentra em como as narrativas e representações moldam a compreensão do passado.

Conclusão

A reconstrução da Praça Brasil em Nova Andradina, MS, revelou um outro viés, a partir do olhar humanizado do arquiteto e executor do projeto Eduardo Faust, que pesquisou a história do município e inseriu nele sua ancestralidade histórica, por meio do Monumento arco e flecha dos povo Indígena Ofaié, antigos moradores do lugar onde seria erguida uma cidade no lugar das exuberantes matas e florestas que haviam por aqui e seriam arrancadas em nome do lucro e erigida uma cidade no modelo euro-cristão, leia-se: em formato de jogo de xadrez, monocultor, diferentemente dos formatos das aldeias indígenas ou quilombos que são circulares, policultores e agroecologistas. Portanto, a construção do monumento em homenagem ao povo indígena, habitante desse local, quiçá possa trazer novos alentos para a educação acerca da preservação do meio ambiente e da confluência entre todos os seres moventes que ocupam as matas, as florestas, as águas, os céus, em perfeita harmonia. Partindo do princípio daquilo que o escritor e liderança indígena Ailton Krenak (2022) chama de “futuro ancestral”.

Revela-se, assim, por meio de um projeto que reconhece a história local sua importância histórica e cultural. Enfatizamos a preservação de bens materiais e imateriais, como a memória dos povos Ofaié e a fauna local. A (re)forma da Praça Brasil foi impulsionada por fatores políticos e sociais, visando transformar a praça em um espaço de lazer e de interação comunitária. O projeto incluiu a construção de quiosques, monumentos e melhorias na infraestrutura, promovendo a segurança e valorização do patrimônio cultural.

A Praça Brasil é um patrimônio cultural e histórico de Nova Andradina, servindo como um cartão postal e espaço de lazer para a comunidade. Representa a memória e a identidade da cidade, promovendo a socialização e o turismo. Além disso, a praça é um local de preservação de monumentos e símbolos que refletem a história e a cultura local. E, assim, reflete a cultura material e imaterial da cidade ao integrar monumentos e símbolos que representam a identidade e as memórias da população. A praça é um espaço onde as interações sociais, eventos culturais e a preservação da história local se entrelaçam, expressando as lutas e diversidades da comunidade. Assim, ela se torna um marco que exalta tanto a cultura tangível, como os monumentos, quanto a intangível, como as tradições e experiências coletivas.

Em que pese a memória social coletiva dos lugares, notamos, por meio desse estudo, que é recorrente para as políticas públicas e também para a sociedade civil envolvida, sobretudo as elites, que apoiam tais projetos de derrubadas de antigas construções para uma nova e seu afã em reconstruir: sempre reconstruir com a finalidade também financeira para os agentes privados nela envolvidos a aferirem lucros e ganhos com tais “revitalizações”, como eles preferem denominar a destruição dos lugares de memória de uma localidade.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

COGECOM. *Após anos de espera, Praça Brasil será reinaugurada*. Prefeitura Municipal de Nova Andradina, 2019. Disponível em:
<https://www.pmna.ms.gov.br/noticias/infraestrutura/apos-anos-de-espera-praca-brasil-sera-reinaugurada>. Acesso em fev. 2025.

DA SILVA, Giovani José. *Kadiwéu: senhoras da arte, senhores da guerra*. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2011.

D'ASSUNÇÃO BARROS, José. História Local & História Regional: A historiografia dos pequenos espaços, 2022. *Revista Tamoios*. Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/Histria_Local_e_Histria_Regional_-_a_historiografia_do_pequeno_espao_.Tamoios.pdf. Acesso em: 21 ago, 2025.

DIAS, Daiane Nascimento Roberto. *Estudantes indígenas em escolas urbanas no município de Nova Andradina/MS e o desafio da educação intercultural crítica*. UFGD, Dourados, (dissertação, mestrado em educação) 2024.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *Ofaié, morte e vida de um povo*. 2. ed. Brasilândia: Edição do autor, 2012.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O território Ofaié: Pelos caminhos da história*. 2. ed. Campo Grande: EdiUFMS, 2011

FAUST ARQUITETURA & ENGENHARIA, PROJETO ESTRUTURAL. Arq Eduardo, *FaustProjetos*, Eng. Conrado. 2019. Disponível em:
<Https://faustarqbr.wordpress.com/2019/12/18/praca-brasil-nova-andradina-ms/>. Acesso em 13 maio, 2025.

GOOGLE. *Quantos km de nova andradina a campo grande*. [S. l.: s. n.], 2025. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=quantos+km+de+nova+andradina+a+campo+grande&oq=quantos+km+de+nova+andradina+a+campo+grande&aqs=chrome..69i57.17000j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 24 mar. 2025

IBGE, “Nova Andradina (MS) | Cidades e Estados”. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/nova-andradina.html>, Acesso em 23 maio, 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

MARTINS, Eduardo, *O faié - Eu estou na estrada – Hägaté te tahfwa* (Nova Andradina e Vale do Ivinhema) Eduardo Martins (Org.) – Campo Grande: Life Editora, 2022.

MARTINS, Eduardo. Homenagem ao Dia do Índio e do Dia Mundial do Povo Ofaié- 20 de abr., 2019. *Jornal da Nova*. Nova Andradina-MS. Disponível em: <https://jornaldanova.com.br/noticia/413233/homenagem%20ao%20dia%20do%20indio%20e%20do%20dia%20municipal%20do%20povo%20ofaie%20-%2020de%20abril>. Acesso em 13 maio, 2025.

NEGO BISPO, Antonio. *A terra dá a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2.ed. ampl. e rev. Campo Grande: Ed. UFMS, 2002.

NANTES, Marciano Aparecido. *A saga da família Nantes*. Campo Grande: Editora Oeste, 2007.

NEVES, Maria de Fátima. *História de um país inexistente*: O pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: estação Liberdade: Kosmos, 1999.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Guató: argonautas do pantanal*. Porto Alegre: EdiPucRS, 1996.

O PROGRESSO. *Prefeitura retoma obra da Praça Brasil e garante inauguração para dezembro de 2017*. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/cidades/prefeitura-retoma-obra-da-praca-brasil-e-garante-inauguracao-para-dezembro-de-2017/255846/>. Acesso em 29 nov, 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PERFIL NEWS. *Praça Brasil vira ‘casa’ de morador de rua*., Três Lagoas, 2011. Disponível em: <https://www.perfilnews.com.br/2011/06/28/nova-andradina-praca-brasil-vira-casa-para-moradores-de-rua/>. Acesso em 05 mai, 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ANDRADINA. *Após Desocupação, Hashioka Anuncia Nova Praça Brasil*. 2013. Disponível em: <https://www.pmna.ms.gov.br/noticias/geral/apos-desocupacao-hashioka-anuncia-nova-praca-brasil>. Acesso em: 20 set, 2025.

ROCHA, Sandro Correia. *Cemitério como forma de proteção do patrimônio histórico*, 2015. Disponível em:
<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/cemiterio-como-forma-de-protecao-do-patrimonio-historico-o-cemiterio-da-soledade/178702672>. Acesso em 08 fev, 2025.

SILVA, Glauycia Maria Flores da. *À sombra dos laranjaís: cem anos de colonização e povoamento no sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul*. (TCC em história, defendido junto curso de História da UFMS, campus de Nova Andradina, orientador doutor Giovani José da Silva). Nova Andradina, 2011.